

Narrativas de professoras em formação inicial a partir de experiências em arte e educação

Teachers' narratives in initial training based on experiences in art and education

Narrativas de profesoras en formación inicial a partir de experiencias en arte y educación

Fabíola Aparecida F. Damacena¹

 [0000-0002-9552-0652](https://orcid.org/0000-0002-9552-0652)

Leonarda Silva Nazareno²

 [0009-0007-7487-5271](https://orcid.org/0009-0007-7487-5271)

RESUMO: Este artigo investiga as experiências formativas de professoras em formação inicial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, durante a disciplina Arte e Educação, componente da matriz curricular das escolas públicas da cidade e nos cursos de licenciatura da universidade. Fundamentado em uma abordagem narrativa, e apoiado em autores como Lima, Geraldi e Geraldi (2015) e Eça (2010), utilizamos narrativas escritas e atividades didáticas realizadas ao longo do semestre letivo como corpus para análise. Os dados coletados revelam como as vivências pessoais e acadêmicas das discentes influenciam a construção de práticas pedagógicas sensíveis, interdisciplinares e transformadoras no ensino básico. Entre os principais achados, destacamos a importância da arte como um eixo estruturante na formação docente, promovendo a integração entre teoria e prática e possibilitando reflexões críticas sobre o currículo escolar e as realidades socioculturais das escolas. A pesquisa também evidencia desafios relacionados à implementação de práticas pedagógicas humanizadoras que considerem a subjetividade dos alunos e a diversidade dos contextos educacionais. Concluímos que o ensino de arte, ao mobilizar dimensões sensíveis e criativas, constitui uma ferramenta essencial em nossa formação integral e no aprendizado mais significativo em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Arte e Educação; Formação de professores.

ABSTRACT: This article investigates the formative experiences of pre-service teachers in the Pedagogy course at the Federal University of Pará, Altamira Campus, during the Art and Education discipline, a component of the curricular matrix in public schools of the city and in the university's teacher training courses. Based on a narrative approach and supported by authors such as Lima, Geraldi and Geraldi (2015) and Eça (2010), we used written narratives and didactic activities carried out throughout the semester as the corpus for analysis. The collected data reveal how the personal and academic experiences of the students influence the construction of sensitive, interdisciplinary, and transformative pedagogical practices in basic education. Among the main findings, we highlight the importance of art as a structuring axis in teacher training, promoting the integration between theory and practice and enabling critical

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal do Pará.

² Graduanda do curso de Pedagogia. Universidade Federal do Pará.

reflections on the school curriculum and the sociocultural realities of schools. The research also highlights challenges related to the implementation of humanizing pedagogical practices that consider students' subjectivities and the diversity of educational contexts. We conclude that teaching art, by mobilizing sensitive and creative dimensions, constitutes an essential tool in our integral formation and promotes more meaningful learning in the classroom.

Keywords: Narrative; Art and education; Teacher training.

RESUMEN: Este artículo investiga las experiencias formativas de profesoras en formación inicial en el curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Pará, Campus Altamira, durante la disciplina Arte y Educación, componente de la matriz curricular de las escuelas públicas de la ciudad y de los cursos de licenciatura de la universidad. Basado en un enfoque narrativo y sustentado por autores como Lima, Geraldi y Geraldi (2015) y Eça (2010), utilizamos narrativas escritas y actividades didácticas realizadas a lo largo del semestre como corpus para el análisis. Los datos recopilados revelan cómo las experiencias personales y académicas de las estudiantes influyen en la construcción de prácticas pedagógicas sensibles, interdisciplinarias y transformadoras en la educación básica. Entre los principales hallazgos, destacamos la importancia del arte como un eje estructurante en la formación docente, promoviendo la integración entre teoría y práctica y posibilitando reflexiones críticas sobre el currículo escolar y las realidades socioculturales de las escuelas. La investigación también evidencia desafíos relacionados con la implementación de prácticas pedagógicas humanizadoras que consideren la subjetividad de los estudiantes y la diversidad de los contextos educativos. Concluimos que la enseñanza del arte, al movilizar dimensiones sensibles y creativas, constituye una herramienta esencial en nuestra formación integral y en el aprendizaje más significativo en el aula.

Palabras clave: Narrativa; Arte y educación; Formación de profesores.

Introdução

Interrogar o nosso processo de formação desde a educação básica ao nível superior, carrega de sentido o fazer e ser docente na formação inicial de professores. Principalmente nos cursos de pedagogia, pelo trabalho que é desenvolvido na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Revisitar as experiências de formação ao longo da formação escolar colabora na compreensão do nosso papel de professores nas escolas de educação básica.

O texto apresenta uma investigação da experiência docente no ensino do componente curricular Arte nas escolas municipais/estaduais de educação básica. Partimos da compreensão de que arte é vida, imitação, criação, representação e espaço de manifestações de emoções, sensações e formação de subjetividades. Nesse sentido, esse trabalho reúne narrativas das experiências que professoras em formação inicial viveram com o ensino da arte e das práticas pedagógicas nesta área do conhecimento.

Os dados que embasam este estudo foram produzidos a partir de narrativas elaboradas por estudantes do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA),

Campus de Altamira. Localizado na região da Transamazônica e do Xingu, no interior da Amazônia paraense, este contexto representa um espaço de grande diversidade sociocultural e desafios educacionais específicos. As narrativas refletem as vivências e experiências formativas dessas estudantes, contribuindo para uma análise mais aprofundada das práticas pedagógicas, das relações entre teoria e prática e das dinâmicas que permeiam a formação docente em uma região marcada por suas especificidades históricas, culturais e ambientais. Desta forma, este trabalho apresenta elementos da realidade do ensino de Arte e Educação e as práticas pedagógicas ministradas por professores ao longo de nossa formação.

De acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 20), “o uso das narrativas como método de investigação ou de pesquisa, decorre, em parte, da insatisfação com as produções no campo da educação que se caracterizaram por *falar sobre* a escola em vez de *falar com* ela e a partir dela”. Buscamos alternativas de construção do conhecimento que possam romper as ideias preconizadas pelo positivismo, ao defender a separação entre sujeito e objeto de pesquisa, uma vez que “as narrativas das histórias do vivido constituem material importante na investigação das práticas docentes”.

Entre essas práticas, destacamos o planejamento pedagógico, que envolve nossas escolhas didáticas e estratégias de ensino-aprendizagem, materiais e métodos de avaliação, a gestão da sala de aula, o engajamento dos estudantes nas metodologias ativas, a personalização do ensino ou o trabalho interdisciplinar. O uso de narrativas na investigação educacional é essencial porque permite capturar a complexidade de nossas experiências vividas, bem como pelos alunos e comunidades escolares. Elas oferecem um olhar subjetivo, contextualizado e profundo, proporcionando uma compreensão mais rica do cotidiano educacional. Por meio das narrativas, é possível relevar voz aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, valorizando seus saberes, reflexões e histórias. Desta forma, nas próximas linhas compartilhamos os saberes de nossas experiências e nos colocamos em diálogo com outras áreas do conhecimento.

Fundamentação

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é o documento legal que define as aprendizagens essenciais que os alunos precisam desenvolver no percurso da educação básica, compreendida desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A BNCC traz aspectos que fundamentam o ensino da arte durante os anos iniciais. Esse currículo nacional afirma a

ideia de que o ensino da arte nas escolas deve garantir a expressão criativa, utilizando-se da ludicidade e também das questões culturais. No entanto, é importante que professores em formação assumam um perfil de profissionais pesquisadores e investiguem sobre o cumprimento desse currículo, na realidade das escolas.

“Toda sociedade humana, todo grupo humano, inclusive naturalmente a família, propõe modelos de pensamentos e de conduta aos seus membros. Esses modelos são transmitidos e adquiridos através do longo processo de formação e de socialização que leva os recém-nascidos à idade adulta.”(Gauthier; Tardif, p. 17-18, 2014)

A arte e a educação artística têm um papel chave a desenvolver nesse processo de formação. Compreendemos que a relação entre cultura, educação, cidadania, educação ambiental e da educação para os valores, convoca uma reformulação estrutural fragmentária disciplinar dos currículos no sentido de trabalhar de maneira interdisciplinar. “As artes e as ciências têm um desenvolvimento sem precedentes e raramente igualado em toda história humana”. (Eça, 2010); (Gauthier; Tardif, p. 24, 2014).

Na condição de professores em formação formulamos questões investigativas que acionam e alimentam nossas pesquisas em busca construir uma outra escola possível, aquela, cujas práticas nos reconheçamos como sujeitos de direitos e nossos saberes sejam acolhidos e contemplados nos currículos escolares, nossos contextos e experiências sejam envolvidos no processo de formação e diálogos entre e com as diversas fontes de conhecimento, uma vez que, “todos os modelos, todos os valores, todas as crenças, todos os saberes, pouco importando sua antiguidade, a sua dignidade, a sua autoridade, o seu poder ou a sua violência são ou devem ser submetidos, à livre discussão entre as pessoas” (Gauthier; Tardif, p. 26, 2014).

Portanto, contestar as ideias de outrem, discordar inclusive de documentos oficiais como a BNCC, implica dizer que podemos ser interlocutores nestes termos do princípio livre da discussão e assumirmos um papel de protagonista, comprometidos com a nossa formação e na defesa de nossas ideias e reflexões na construção do conhecimento e novas práticas pedagógicas. Tomamos como parâmetro, algumas competências da base nacional, como:

Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios; Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético; Experimentar diferentes formas de expressão artística [...], fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (Brasil, 2018):

Estas habilidades da BNCC podem ser um espaço de investigação sobre a compreensão do ensino da arte no ensino fundamental, e quando olhamos a nossa formação básica identificamos que na nossa própria vivência durante os anos iniciais, não entendemos qual o sentido do ensino das artes no currículo escolar e quais aprendizados e suas implicações ao longo da vida. Essa reflexão revela a falta de oportunidade de vivenciar essas habilidades da BNCC na prática de fato e de direito.

Portanto, o que é proposto no currículo educacional muitas vezes se distancia do que realmente é experimentado. Esse fato é constantemente encontrado, embora muitas vezes se baseiam em habilidades muito específicas, da Base Nacional Comum Curricular:

Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios”. Essas são apenas algumas das competências que se destacam entre as outras, e que, diante do discutido, releva a necessidade de maiores questionamentos acerca daquilo que se espera que seja aprendido em relação aquilo que realmente se aprende. (Brasil, 2018)

Ressaltar a importância desse contexto vivenciado, implica trazermos outro fator, alinhado com o objetivo deste estudo e cabe a nós afirmarmos que essa experiência entre educando e educador possui ressonância direta na prática pedagógica enquanto professoras em formação, uma vez que a relação teoria e prática na formação docente é essencial para a efetividade do ensino adquirido nos cursos de licenciatura. Transformar teoria em prática requer não apenas a compreensão dos conteúdos, mas também a habilidade de adaptar esses ensinamentos ao contexto e às necessidades específicas dos estudantes.

A produção dos itinerários, a partir do material bibliográfico disponibilizado e analisado durante a disciplina de Arte, nos possibilitou uma importante reflexão, a qual possui influência direta e constante sobre nossa própria prática pedagógica. Reconhecemos certo avanço no aspecto sensível e humano de nossa formação de professoras.

Narramos nossas experiências de formação, no sentido de construirmos nossa filiação em concepções que conduzam a novos modos de práticas em um sistema educacional que respeite todas as fontes de experiência, que ofereça uma verdadeira situação de aprendizagem que seja histórica e social, ordenada e dinâmica e que possamos abandonar caminhos desgastados pelo tempo e que já não fazem sentido para nós. (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015).

Portanto, a perspectiva com que analisamos nossas próprias experiências implicou positivamente o modo que agiremos enquanto educadoras, em nossas aulas, nas escolas básicas. A sensibilidade com que se aprende hoje interfere no trabalho docente.

Durante as aulas criamos também um enredo para ensinarmos a criança e nós mesmos a dar nome às emoções. Afinal, estas fazem parte da vida desde nossos primeiros anos. Por isso, é importante que os pais estimulem a educação emocional desde cedo. Podemos ajudar a criança a aprender a nomear suas emoções, sejam elas boas ou ruins. Alegria, felicidade, prazer, raiva, inveja, tédio, ciúmes, frustração, isso tudo precisa ser nomeado e identificado não como um julgamento de valor, mas sim como parte das emoções de um ser humano. Elaboramos proposições que nos ajude a perceber nossas emoções e a lidar com situações cotidianas.

Criamos uma história que trouxe situações passíveis de serem vividas pelas crianças, em que os personagens foram parecidos com os da vida real. Escolhemos uma emoção presente (como raiva ou tristeza), por exemplo quando a criança deixa de ser convidada para alguma atividade e se sente rejeitada. Formulamos questionamentos em torno de fatos da história e dialogamos como orientar a criança no sentido de que desenvolva controle sobre as emoções e como orientar a não lutar contra estes sentimentos, ainda que sejam difíceis, mas sim, entender o processo de identificação, percepção e aceitação das emoções.

Essa proposta está em consonância com as habilidades da BNCC ao assinalar a dimensão lúdica no ensino e aprendizagem. Ter consciência sobre a percepção das emoções ajuda na formação da inteligência emocional e na convivência em sociedade.

Metodologia

O percurso metodológico de produção dos dados se deu a partir das narrativas desenvolvidas por estudantes do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, região da Transamazônica e do Xingu, interior da Amazônia paraense.

Por meio de textos narrativos de autoras e autores como Eça (2010), Bernardes (2010), Albano (2010), Barbosa (2021) que socializaram suas vivências de formação e profissão com a arte na relação com a educação, as discentes narraram suas experiências com a arte e educação, por sua vez, vivenciadas durante o ensino fundamental. A turma com a qual realizamos essa pesquisa é constituída por vinte e cinco discentes, deste, dezessete foram convidados e concordaram em participar e concederam suas narrativas, além de outras fontes como as atividades realizadas coletivamente durante o semestre letivo, que subsidiaram as reflexões em sala de aula e o trabalho escrito.

Concordamos com Prado et al (2011) ao sustentar a importância de, já na formação inicial, assumirmos a condução de nossas reflexões para que possamos não somente compreender os limites de nossa futura atuação, mas passemos a colecionar elementos que nos permitam formular questões individuais e coletivas, a partir dos registros de práticas profissionais de nossos professores e de nossas também.

Essa perspectiva mostra-se, inclusive, compatível com muitos resultados de pesquisas atuais, que apontam, por um lado, o fato de que a ação didática dos profissionais da educação comporta conhecimentos e saberes que transcendem o saber teórico consolidado e, por outro, a convicção de que a prática pedagógica pode ser organizada teoricamente e orientada para produzir efeitos marcantes e de significativo alcance social. (Prado et al, p. 144, 2011)

A escrita narrativa contribui para o (re)conhecimento de quem fomos, quem somos, o que fazemos e pensamos, bem como para o processo de vir a ser, tanto na nossa formação de professores quanto no trabalho docente com outros estudantes. Os referenciais de leitura fundamentaram a relação entre arte e pedagogia, ultrapassando territórios demarcados e promovendo um olhar sensível para a escola e o papel da educação por meio da arte em prol de um futuro sustentável. Outro aspecto estudado foi a construção de um currículo pensado com o protagonismo das crianças.

No conjunto de textos estudados há um aspecto em comum e dialoga diretamente com a produção textual das discentes, são os compartilhamentos de experiências de trabalho e formação de diferentes entre as áreas da arte e da educação.

Nesse sentido, fomos convidadas a narrar experiências vivenciadas ao longo da nossa formação desde os anos iniciais ao nível de graduação, nesse movimento, recuperamos aspectos do ensino e aprendizagem na área da arte. Ressaltamos algumas práticas pedagógicas e lembramos situações que nos atravessam em sala de aula, despertadas com o que nos comungou a partir das leituras. Desta forma a pesquisa adota o caminho da metodologia narrativa, para que experiências individuais e coletivas sejam manifestadas, compartilhadas, compreendidas e discutidas de vivências do presente na relação com o passado.

Análise

Representamos uma diversidade de mulheres com histórias, culturas e vivências diferentes. Somos filhas do território da Amazônia, compomos o mundo e suas raízes ancestrais. Somos do campo com estradas de chão, águas e florestas. Somos dos rios que banham o país e as terras paraenses. Nosso lugar é de professoras e estudantes em formação inicial que, por meio

deste encontro narrativo, unimos nossas vozes para vivenciar a experiência de olhar para nossas trajetórias e compartilhar, de forma escrita, os atravessamentos e reflexões que marcaram nossa caminhada de formação.

Nossas histórias, quando contadas e ouvidas falam de lugares, crenças e dos nossos modos de vida irrepetíveis, embora carregados de verossimilhanças, se diferenciam apenas, pelas marcas subjetivas.

Um dos desafios parece ser o seguinte: enquanto não se conceber os professores como um adulto em formação, uma pessoa plena de experiências, com capacidade para refletir sobre si, e que tem muito mais para nos contar sobre a escola do que a produção científica atual dispõe sobre o tema, não se avançará, suficientemente, quanto à compreensão das relações que se estabelecem entre formandos e seu processo de formação. (Passeggi, p. 68, 2016)

A arte transcende os limites tradicionais da educação ao oferecer novas possibilidades de aprendizado e expressão criativa. Para nós, educadoras e pesquisadoras na área de educação, artes visuais e pedagogia, integrar arte e educação é essencial para fomentar formas inovadoras de expressão e reflexão. Essa prática, como defende Barbosa, proporciona "a formação da sensibilidade, do pensamento divergente e da capacidade de perceber a complexidade do mundo" (Barbosa, 2012, p. 15). Por meio dessa integração, é possível dinamizar os processos pedagógicos, criando experiências plurais, críticas e significativas, promovendo o diálogo entre diferentes saberes e reconhecendo a potência transformadora da arte na formação crítica sobre a realidade.

Os participantes da pesquisa foram estudantes do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, que cursaram a disciplina **Fundamentos Teórico-Metodológicos do Ensino de Artes**. O processo de produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas e narrativas elaboradas durante o período letivo da disciplina, de 24 de junho a 7 de julho de 2024, em atividades realizadas tanto no ambiente acadêmico quanto em espaços escolares e não escolares. A escrita das narrativas foi estruturada a partir de perguntas que convidavam a escrita de vivências formativas dos estudantes, seus olhares sobre a relação entre arte e pedagogia, e suas práticas docentes em formação. As questões investigaram, por exemplo, como percebemos a integração entre arte e educação e quais estratégias podemos utilizar para promover a sensibilidade estética e a construção de um currículo participativo e interdisciplinar.

Pelas narrativas das discentes, constatamos que arte não é apenas uma forma de expressão, mas uma prática crítica a qual possibilita estruturas de poder, questionamentos

quanto às normas sociais e a promoção de novos modos de ver e entender o mundo. A seguir as narrativas das professoras em formação, que se entrelaçam com o artigo de *Arte e Pedagogia: Além dos territórios demarcados*, de Ana Angélica Albano.

[...] Quando se fala sobre a valorização da subjetividade do aluno e na importância da interdisciplinaridade. Essa leitura me fez refletir de maneira especial, sobre minhas próprias experiências e sobre como essas abordagens podem transformar vidas com a sua sensibilidade e criatividade. Uma das passagens que mais me impactou foi a que discute a importância de respeitar e valorizar a singularidade dos alunos, fazendo com que eles sejam os próprios protagonistas. Albano menciona que é de grande importância permitir que os alunos expressem suas próprias experiências e percepções através da arte, o que me fez refletir que muitos momentos voltados ao ensino da arte podem ser o ponto inicial para que o aluno se entenda e se expresse, proporcionando espaços sem julgamentos, explorando então o poder da arte como um meio de autoconhecimento e expressão pessoal. (Discente Maykelly Silva)

Quais práticas pedagógicas poderiam acolher essa singularidade, criatividade, subjetividade das crianças no ensino fundamental e até mesmo as nossas, no nível superior? O sistema educacional vigente, seja a nível nacional ou local, nos municípios, são marcados por uma prática homogeneizadora, cuja obediência a um currículo prescrito limita o processo de acolhida destas singularidades individuais e o diálogo com o campo das experiências dos sujeitos. Há que avançarmos na direção de práticas libertadoras, humanizadoras e conectadas com os nossos contextos de vida e principalmente das crianças que vamos trabalhar como professoras.

[...] Pude reviver minha infância nas palavras de Ana pois durante meu desenvolvimento escolar, a matéria de artes era um caminho para a aprendizagem e uma porta para a minha imaginação. Desejo que um dia, a minha prática pedagógica esteja diretamente ligada à minha infância escolar, e que eu possibilite a muitas crianças as alegrias que eu tive quando menor através da arte e da educação. (Discente Leonarda Nazareno, 2024)

Essa narrativa mostra a relação entre as experiências de ensino e aprendizagem com a arte quando criança e uma projeção dessas práticas em seu trabalho de professora. Ou seja, é um exemplo da força da educação em seu processo de formação, ao dizer de suas alegrias e do quanto sua aprendizagem foi significativa.

Nunca parei pra pensar por que eu desenhava tanto rosa no meu caderno, na minha adolescência e hoje depois do texto e da aula da professora, comecei a refletir o significado da rosa em minha vida. Foi a partir do trecho *caminho para a imagem* que consegui me encontrar comigo mesma, pois percebi que desenhava as rosas, porque achava elas perfeitas e eu tentava me sentir como elas. Porém percebi que até as rosas tem seus momentos de está sem ar, sem força e sem ânimo quando estão murchas! (Discente Maria Lucilene Barros, 2024)

O olhar sensibilizado proporcionado pelo ensino da arte, até mesmo na graduação, nos ensina que devemos observar e refletir com o outro e o mundo ao nosso redor, sem perder de

vista o olhar para si. A narrativa de Maria nos mostra como ela pôde descobrir sua força através das próprias pinturas, e essa descoberta só foi possível através da leitura dos textos e seus atravessamentos da arte ao longo da formação e da vida.

Lembro-me de uma vez, quando meu filho tinha cinco anos e riscou a parede. No impulso, briguei com ele, dizendo que aquele não era lugar para desenhar e que, se ele fizesse isso de novo, ficaria de castigo. Ele ficou triste e pediu desculpas. Quando vi o desenho, meu coração se encheu de ternura e arrependimento, pois ele havia desenhado nós dois dentro de um coração. Isso me corroeu por dentro, porque ele estava retratando algo significativo para ele, e minha reação o deixou triste. Imediatamente, pedi desculpas, disse que o desenho estava lindo e que eu havia amado. Comprei um caderno de desenhos e disse que ali ele poderia desenhar o que quisesse, pois tudo o que ele fizesse seria importante e deveria ser guardado. Acredito que essa é a atitude que deveríamos adotar diante da arte, independentemente de qual forma ela assume. Precisamos ter um olhar empático e tentar dialogar com aquilo que está sendo expresso. (Discente Poliana Monteiro, 2024)

Quantas vezes, tanto em casa quanto na escola, as crianças são reféns de atitudes que tomamos, ou os adultos de um modo geral, esvaziadas de reflexão, de sentido, com marcas da indiferença e da insensibilidade. A obediência às regras e aspectos culturais, compromete nosso alcance das múltiplas expressões artísticas das crianças e de ver a arte não apenas como uma atividade lúdica, mas um espaço de diálogo com a criança e seus sentimentos, de construção de vínculos e expressão do mundo ao seu redor, em seu interior no sentido do seu desenvolvimento integral.

Partindo da primeira análise eu, como criança, fazendo desenhos e pinturas na aula de artes, lembrei de como nunca gostei dessa aula, torcia a semana toda para não ter que desenhar nada na aula de artes (nunca fui boa em desenhar/pintar), sentia dificuldade em entender porque tinha que desenhar uma paisagem, ou pintar um desenho qualquer, que na maior parte das vezes não representava nada para mim. Enquanto lia, me senti tocada e pensei que se talvez tivesse um professor como o do texto, minha relação com as artes poderia ter sido diferente, talvez, quando criança não tivesse criado uma aversão a ela. Desejei ter tido um professor que utilizasse a arte para tentar ouvir minha voz, fazendo assim, eu mesma entendê-la melhor. (Discente Tamires Silva, 2024)

Somamos nosso posicionamento ao de Eça (2010), ao ressaltar que necessitamos de um novo paradigma na educação, de planos de ensino dialogados com a realidade dos estudantes, pois a arte deve ser vista e apresentada como uma conexão pessoal e de forma contextualizada, mas que não seja vista apenas como mais uma atividade curricular. Portanto, nosso desafio é pensar

novas formas de ensinar, aprender e avaliar que desenvolvam o pensamento crítico e independente, a imaginação, o sentido de risco, a curiosidade pelo conhecimento, a facilidade de comunicação em todas as áreas de expressão e conhecimento, tendo em conta as diversidades individuais e culturais. (Eça, p. 15, 2010)

Nessa outra escola, com outras práticas, narrativas como a acima podem ser acolhidas e refletidas no movimento de construção de uma educação voltada para a sensibilidade e humanidade. Nossa tarefa é questionar se a escola é um ambiente sensível, acolhedor, e cuidadoso com as pessoas. Se as práticas pedagógicas valorizam as emoções e a subjetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Rosvita Kolb-Bernardes destaca-se na área da educação por sua contribuição à formação de professores e à construção de ambientes educacionais mais inclusivos, que reconhecem o aluno como um ser integral. Sua abordagem vai além do aspecto acadêmico, englobando o desenvolvimento emocional, social e ético dos estudantes. Como ela afirma: “a escola é um espaço de trocas sensíveis, onde é possível olhar para os alunos não apenas como aprendizes, mas como seres humanos plenos, carregados de histórias, sonhos e sentimentos” (Kolb-Bernardes, 2010, p. 45). Essa perspectiva reforça a importância de práticas educacionais que humanizem as relações e promovam um aprendizado significativo.

Acredito que a educação deve ir além do ensino acadêmico tradicional, incorporando aspectos emocionais e subjetivos dos alunos. (...) Em minha própria experiência como estudante, tive momentos em que me senti invisível, como se minhas emoções e histórias pessoais não tivessem espaço na sala de aula, mas também já tive professores que chegaram a proporcionar atividades que permitiram a expressão de memórias e sentimentos através da arte, fazendo com que toda a turma se sentisse vista e consequentemente valorizada. Essa experiência não apenas me ajudou a processar minhas próprias emoções, mas também fortaleceu os laços entre meus colegas e eu. (Discente Maykeli Silva, 2024)

Bernardes (2010) ao nos convidar a um olhar sensível para escola, mobiliza nossas lembranças e reafirma nossa convicção sobre a importância de integrar a expressão artística no ambiente escolar. A autora discute como as atividades artísticas podem ser um meio poderoso para lidar com perdas, cultivar segredos e sonhos, e construir um olhar sensível para as histórias de vida de cada um. A escola pode ser um lugar de acolhimento, onde os alunos se sintam seguros para compartilhar suas experiências e emoções e reconheça a subjetividade de cada indivíduo, permitindo que as vivências pessoais sejam compartilhadas e valorizadas.

Jamais ocorreu-me que na escola eu poderia ter um lugar para meus pensamentos, e somente após a leitura de Bernardes, pude perceber a necessidade da escola ser um lugar sensível. Depois de muitos anos, revivo minha infância em minhas memórias e no meu coração. Mas o que vive ainda mais em mim é o sentimento de almejar a minha formação e a minha experiência. (...) pois me tornar professora é resultado de quem antes, em um ambiente escolar, pode ler meus sentimentos e me ajudar a entender que se um dia fui ouvida, hoje desejo ouvir os outros, as crianças, seus pensamentos e seus sonhos. (Discente Leonarda Silva Nazareno, 2024)

Essa narrativa revela o impacto do acolhimento dos estudantes na escola. O ato de educar vai muito além do ensino de conteúdos, envolve escuta atenta e valorização das experiências de vida de cada estudante.

O texto me fez sentir que ler é se aventurar e se permitir perguntar sobre quem sou é algo muito importante para minha subjetividade, é importante trabalhar isso para compreender a mim mesma e a liberdade de escolher quem sou e quem serei. (Discente Tailziani Silva, 2024.)

A nossa subjetividade é construída a partir de experiências individuais e coletivas, trabalhar essa dimensão é essencial para o entendimento de si na relação com o outro. Lutamos por uma educação dialógica, defensora da emancipação pessoal, com a liberdade de imaginação, criação e afirmação e fortalecimento de nossa própria identidade.

Enquanto eu lia, comecei a refletir sobre a experiência escolar do meu filho, todos os desafios e conquistas que temos para tornar esse espaço acolhedor para ele e para mim, enquanto família proativa. Uma escola que tem diálogo com a família, entende os anseios de uma mãe, tem professores sensíveis e empáticos, ela consegue promover a construção emocional e desenvolvimento do aluno de forma muito mais eficaz. (...) as práticas pedagógicas devem valorizar a sensibilidade e a empatia. (Discente Soreya Torres, 2024)

Quando a escola estabelece um diálogo com a família, ouvindo os anseios e preocupações, inevitavelmente ela se torna mais eficiente no desenvolvimento emocional e cognitivo dos estudantes.

"*A Educação através da Arte para um Futuro Sustentável*" é um artigo escrito por Teresa Torres Pereira. Nesse escrito, a autora explora como as artes podem desempenhar um papel fundamental na construção de um futuro mais sustentável. Durante a leitura, observamos a argumentação de que a educação artística é uma ferramenta poderosa para promover a consciência ambiental e social.

Segundo a autora, as artes incentivam a criatividade, pois ela é essencial para encontrar soluções inovadoras aos problemas ambientais e sociais, os alunos se tornam capazes de desenvolver habilidades de pensamento crítico, na direção de uma abordagem integrada aos desafios da sustentabilidade.

Uma das principais contribuições das artes é a capacidade de aumentar a consciência ambiental. Projetos artísticos podem ajudar os alunos a se conectarem com a natureza e refletirem sobre questões ambientais de maneira mais pessoal e significativa. As artes também podem fomentar um senso de responsabilidade social no sentido de os alunos explorarem e se engajarem com temas da sustentabilidade.

Um questionamento sempre veio a mim quando era pequena: Por que era necessário ficar calada durante as aulas? Sempre fui uma criança muito conversadeira, mas nunca soube o motivo de os professores quererem calar-me. Nas reuniões eu sempre ouvia dizerem para meus pais "é uma aluna exemplar, mas conversa demais" (...) Hoje, lendo Teresa Torres Pereira eu compreendo que nem todos os educadores percebem a grandiosidade da ferramenta que a educação é. A autora, em seu artigo "Educação através da Arte para um Futuro Sustentável", diz que as práticas artísticas podem incentivar o pensamento crítico, a criatividade e a conscientização ambiental. (...) Quem me dera ter antes me encontrado em Teresa, e compreendido que é possível educar e educar-se através da arte, que essa matéria não é menos importante que química e física. Que toda essência deve ser valorizada e que eu não deveria ter sido silenciada por querer entender o mundo como ele é, e as pessoas como elas são. A criança que ainda existe em mim, tem voz e pede para que deixem as crianças falarem, deixem as crianças sonharem e que além de aprender a tabuada, aprendam também que é necessário discutir sobre viver em sociedade, aprender sobre o próximo e aprender sobre o mundo. (Discente Leonarda Silva Nazareno, 2024)

A compreensão de que as práticas artísticas podem ser uma ferramenta poderosa na educação e cumpre um papel da formação do pensamento crítico, da criatividade e consciência social e ambiental, ilumina uma nova perspectiva na educação. Com isso, não abrimos mão do ato de sonhar, de aprender sobre e com o mundo de forma integral, esse é um desejo que expressa a necessidade de um sistema educacional que valorize a pluralidade das áreas do conhecimento, aos nossos contextos culturais e as diferentes linguagens e formas de expressão.

Cursei meu ensino médio em escola pública. Hoje estou na universidade em processo de formação no curso de pedagogia. Senti um impacto ao iniciar o curso, pois vim de uma educação obsoleta, onde só se ouvia e copiava. Uma educação bancária, como diria o filósofo e educador Paulo Freire. Tinha e ainda tenho um pouco de dificuldade com as interpretações textuais acadêmicas, desenvolvimento na escrita, senso crítico e um pouco de dificuldade de me expressar em público. Com tudo, me levanto a pensar, que tipo de profissional da educação serei mediante esse sistema educacional? (Discente Crizangela Nascimento, 2024)

A relação interdisciplinar entre arte e educação surge como um farol para a transformação desse cenário. A arte, nesse contexto, é vista não apenas como expressão estética, mas como um caminho para o desenvolvimento de uma educação emancipatória, que valorize as vozes invisíveis, os oprimidos e os que foram historicamente marginalizados.

Mesmo adultos, a criança que fomos, ainda existe em nós, mas a vida exige demais de nós, muitas vezes precisamos "ir atrás" da sobrevivência e abrimos mão dessa criança, da sensação de liberdade que ela nos traz e principalmente da nossa versão mais espontânea, nos momentos em que deixamos nossa criança em evidência, conseguimos verdadeiramente nos conectarmos a nossa mais pura essência o que consequentemente nos deixa felizes, ou melhor nos faz "brilhar", as brincadeiras podem curar a alma da maneira mais natural. Como estagiária, costumo passar muito tempo com os alunos durante o horário de saída, essas interações permitem que as crianças explorem cada vez mais a sua própria singularidade e expressem suas emoções desenvolvendo as habilidades sociais e experimentando a criatividade de maneira livre e espontânea. (Discente Maykeli Silva, 2024.)

Ao revisitar a criança interior que habita em todos nós, vemos que há uma espontaneidade e a simplicidade, muitas vezes esquecidas na vida adulta, são fontes de conexão com nossa essência mais pura. A vida exige responsabilidades que nos afastam dessa parte de nós mesmos, levando-nos a sacrificar a liberdade, a alegria genuína e a criatividade que víamos nas brincadeiras da infância.

Ao refletir sobre esses itinerários, percebemos que a essência da educação vai muito além do aprendizado técnico ou acadêmico; trata-se de tocar a alma, nutrir a criatividade e despertar o pensamento crítico. Ao fazer isso, revelamos nossos interesses e formas únicas de entender o mundo. Esse processo de participação ativa não apenas enriquece o currículo com novas ideias e abordagens, mas também dá às crianças e a nós, uma voz significativa em nosso próprio processo educativo, pois as contribuições das crianças no planejamento curricular, corrobora na construção de um currículo mais relevante e envolvente para elas, além de proporcionar um senso de autonomia e responsabilidade com as aprendizagens. Um currículo que tenha a arte como referência, que essa arte seja anunciada e emancipada no currículo, um currículo que não seja feito apenas para as crianças, mas sim com as crianças, que entenda suas subjetividades e necessidades de aprendizagem. Portanto é necessária essa reflexão a respeito de um novo modelo de currículo, que seja não só pensado para a criança, mas feito com a criança, para assim ter aulas mais proveitosas.

Sabemos também que muitas vezes as crianças até mesmo adolescentes não tem voz dentro da escola, não são ouvidos, não podem se expressar e nem expor suas ideias, sendo uma espécie e forma que todos devem caber dentro, mas se a escola for uma escola aberta a ouvir os alunos, pode ser diferente a forma de estudo desenvolvido, assim os professores devem ouvir os alunos e entender o que eles gostariam de estudar para levarem para suas vidas em vez de passar conteúdo quase que desnecessário. Ouvir as crianças e envolvê-las ativamente no processo de ensino-aprendizagem, contribui para que suas vozes sejam valorizadas na construção de um currículo educacional relevante e motivador.

Considerações finais

Ao refletirmos sobre o ensino de arte em nossa formação inicial de professoras, compreendemos que a arte ultrapassa a simples função de componente curricular, tornando-se um elemento essencial que permeia nossas vivências e práticas pedagógicas de maneira

inseparável. A pesquisa investigativa, baseada em relatos de entrevistas com professoras em formação e já atuantes, revelou como as experiências formativas – desde a educação básica até a graduação – marcam profundamente tanto a trajetória pessoal quanto a profissional das educadoras.

Os relatos destacaram que, para muitas entrevistadas, o contato com a arte na infância e durante a formação acadêmica foi determinante para a construção de suas concepções pedagógicas. A arte, descrita como um espaço de expressão e acolhimento, ajudou-as a compreender a importância de uma educação sensível, que valorize a criatividade e a subjetividade dos alunos. Além disso, as participantes relataram como as vivências artísticas despertaram nelas uma percepção mais ampla da prática educativa, permitindo integrar as dimensões emocional, social e cultural no cotidiano escolar.

Entre os desafios apontados, emergiu a dificuldade de consolidar a arte como um eixo estruturante no currículo, especialmente frente a contextos educacionais que priorizam abordagens mais tecnicistas. No entanto, os relatos evidenciam um esforço contínuo para ressignificar o ensino de arte, buscando formas de torná-lo mais significativo e conectado às realidades dos alunos, respeitando suas histórias e expressões individuais.

Assim, a pesquisa reforça que o ensino de arte, mais do que uma disciplina, constitui um caminho para transformar a experiência educativa em um processo mais humanizador e integral, reafirmando o papel das professoras como mediadoras de vivências artísticas e culturais no ambiente escolar.

A disciplina de Arte e Educação, que vivenciamos no primeiro semestre de 2024, foi uma oportunidade valiosa para mergulharmos nas diversas formas de entender e praticar a arte no ambiente escolar e não escolar, ampliamos nosso olhar sobre a educação de forma sensível e interdisciplinar.

Ressaltamos a potência de nossas histórias de vida e formação em uma perspectiva única e fundamental para o nosso trabalho em sala de aula, nas escolas básicas. Aprendemos a valorizar as narrativas individuais como parte essencial do processo educativo. A reflexão sobre nossos itinerários formativos, demonstra que a transformação da teoria em prática não se resume à simples aplicação dos conteúdos aprendidos, mas, envolve uma relação sensível entre realidades e necessidades dos estudantes.

A partilha das narrativas escritas revelou os desafios e possibilidades que permeiam a prática pedagógica atual. Esse processo de reflexão crítica não apenas expõe as lacunas

existentes, mas também oferece subsídios valiosos para a construção de futuras práticas pedagógicas mais integradas aos sujeitos e seus contextos. Com uma abordagem interdisciplinar, a formação de professores e professoras pode ser aprimorada e abrir caminhos para uma prática significativa e transformadora.

Portanto, é essencial a reflexão sobre a prática docente na formação de professoras/es. Essa abordagem holística é crucial, pois reconhece que o aprendizado não ocorre apenas em um nível intelectual, mas também envolve a vivência emocional dos estudantes, influenciando diretamente sua motivação, engajamento e desenvolvimento integral. Aprendemos que ao formarmos educadores que valorizam tanto a reflexão crítica quanto a dimensão emocional, estamos contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e humanizado, que nos forma para enfrentarmos os desafios da educação contemporânea.

Referências

- ALBANO, Ana Angélica. *Arte e Pedagogia: Além dos territórios demarcados*. Campinas, v. 30, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte na Pedagogia*. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 200-209, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.117498>. Acesso em: 25 set. 2024.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BERNARDES, Rosvita Kolb. *Segredos do coração: A escola como espaço para o olhar sensível*. Cad. Cedes, Campinas, v. 30, n. 80, p. 72-83, jan./abr. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- EÇA, Teresa Torres Pereira de. *Educação através da arte para um futuro sustentável*. Cad. Cedes, Campinas, v. 30, n. 80, p. 13-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 18 set. 2024.
- GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. *A Pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. *O trabalho com narrativas na investigação em educação*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>.
- KOLB-BERNARDES, Rosvita. *Segredos do coração: A escola como espaço para o olhar sensível*. Cad. Cedes, Campinas, v. 30, n. 80, p. 43-55, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000100005>.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. *Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico*. Roteiro, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 18 set. 2024.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena. *Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação*. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 11, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24216>. Acesso em: 26 set. 2024.

Recebido em: 02 out. 2024.
Aprovado em: 12 dez. 2024.

Revisor(a) de língua portuguesa: os autores
Revisor(a) de língua inglesa: os autores
Revisor(a) de língua espanhola: os autores